AVÓ – MÃE NA PERIFERIA: a responsabilização e culpabilização da mulher negra na educação de netos-filhos no conto "Terra nos cabelos" de Tônio Caetano.

Luara Virgínia Tinovo Farias[1]

Luana Tereza de Barros Vieira Rocha[2]

RESUMO

O presente artigo traz um estudo acerca da representação da violência contra a mulher através da literatura brasileira contemporânea. Analisa-se dessa forma a mesma como os processos de responsabilização e culpabilização da mulher, em especial, a negra acerca dos comportamentos, escolhas e atos vividos e sofridos filhos e netos nesta sociedade. Para tanto, partimos da obra literária "Terra nos Cabelos" (2020) de Tônio Caetano. Compreendemos que o papel do ser feminino na sociedade capitalista além de exigir uma condição subalterna, dominada e explorada, também a subjuga pela violência que os seus sofrem, como por exemplo, a violência estatal que ceifa inúmeras vidas de jovens pobres da periferia. O estudo é um entendimento crítico sobre as formas de ser e agir dos sujeitos historicamente determinados, em especial, a mulher no universo literário. Portanto, para desenvolver o presente estudo também contou-se com aporte teórico de autores como Ginzburg (2013), Schollhammer (2009), Rabelo e Rocha (2014).

Palavras-chave: Violência de Gênero. Machismo. Literatura contemporânea

ABSTRACT

This article presents a study about violence against women through contemporary Brazilian literature. The aforementioned violence is analyzed as the processes of blaming and blaming women, especially black women, about behaviors, choices and acts experienced and their children and grandchildren in this society. To do so, we start with the literary work "Terra nos Cabelos" (2020) by Tônio Caetano. We understand that the role of the female in capitalist society, in addition to demanding a subordinate, dominated and exploited condition, is also subjugated by the violence suffered by them, such as state violence that claims countless lives of poor young people from the periphery. The study is a critical understanding of the ways of being and acting of historically determined subjects, especially women in the literary universe.

Keywords: Bumba-meu-boi; Neoliberalism; Popular culture

[1] Universidade Estadual do Maranhão; Mestra em Teoria Literária –UEMA; E-mail: lauravtfarias@gmail.com.

[2] Universidade Federal do Maranhão; Doutora em Políticas POúblicas – UFMA; E-mail: lunaflorrocha@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre violência contra mulher é diversa e necessária. Vivemos em tempos de acirramento dessa expressão da questão social, não apenas pelo possível aumento dos casos, mas pelo fato das atenções se voltarem para elas. Aquilo que antes se entendia como simples gesto de irritabilidade do marido, companheiro e namorado, ou hostilidade de outros sujeitos fora do ambiente domiciliar, hoje pode ser entendido como violência moral e psicológica, agressão patrimonial e física, por exemplo.

Isso nos revela que nunca houve na história do capital o ser feminino distante de formas brutais de relacionamentos, assim como, de luta e mobilização decorrentes do ambiente doméstico. Com isso, desnudamos as formas vis de exploração, humilhação e dominação com fins a anulação do corpo e da vida, incluindo o poder de morte, mas também de externalização dessas relações, da capacidade de enfrentamento e tentativa de supressão dessas disparidades.

Os atos desumanos do mundo privado não se reduzem em si e extrapolam o rumo ao mundo público ou vice-versa. Somos o que é preconizado para além dos muros do lar e neste aprofundamos, vivemos e sofremos.

Com efeito, esses efeitos adequadores, normativos e de freio não se dão apenas na esfera doméstica. Estes tem seu entrelaço nas estruturas sociais, no Estado. O ser homem e o ser mulher não é apenas um modo de interpelação assumido pelos sujeitos históricos, mas imposto e de difícil não assimilação sob o peso de punição atroz, silenciosa, imbuída de discursos, ditos e réditos penetrantes e absorvidos como verdadeiros.

Essa violência é pluralizada, alargada e todo cenário traz uma perspectiva de ação. Ela amplia os sujeitos envolvidos apesar de partir da mulher, mas não se limita a ela, como bem diz RABELO e ROCHA (2014) ao se referirem à condição transpessoal dos atos violentos. Ou seja, a violência sofrida pela mulher atinge filhos, amigos, pessoas próximas dificultando certas mobilizações na qual para

sucumbir qualquer estagnação requer muito trabalho psicológico e melhor, a efetivação de políticas públicas, leis e demais medidas para superar o estado em que se encontra.

O que queremos dizer com isso, é que a mulher não apenas sofre violência como está inserida numa rede de possíveis vítimas a ela ligadas, justamente por considerar, não (apenas) por ela, mas pelo mundo social em que se encontra, como inviável fugir do universo de domínios do homem e dos valores, ou seja, dos modos estabelecidos socialmente. Ora, ser um sujeito agredido não apenas por outro, mas por estruturas sustentadoras do estado capitalista (que na verdade, é um outro em diferentes faces agindo por distintas facetas) incluindo aspectos morais e normalizadores, é deparar-se com os firmes e dispostos tipos repressores em casos de desconformidade.

É nesse cenário que buscamos desenvolver nosso estudo partindo da ideia que filhos e netos estão, majoritamente, sob os cuidados da mulher mãe e avó e que esses dependentes, negros e marginalizados passam a ser um “problema” para o Estado que, por sua vez, quando não mata em ações policiais tem seu discurso punitivo considerando a mulher como aquela que gera, cria “males sociais”, cabendo a elas o julgo da irresponsabilidade e incapacidade de sucesso familiar. O Estado retira-se de uma inoperância e ação repressora e individualiza num ser aquilo que a ele caberia.

E esse cenário é justamente é bem expresso na obra pela qual parte o nosso estudo. A realidade a qual construímos o nosso entendimento está representada através de uma obra literária não desconectada da vida concreta, chamada *“Terra nos Cabelos”.* de Tônio Caetano. Nesta veremos todo um reflexo psicológico, moral e social carregado pela mulher mostrando a diversidade de certas formas violência que transcendem a relação homem e mulher e que não é menos dolorosa que as formas expressas na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06).

Nossa análise fundamenta-se da compreensão crítica e histórica da sociedade capitalista no universo literário. É nela que entendemos os papeis de cada sujeito e como eles podem estar a seu serviço, como contraditoriamente, cria

mecanismos de seu enfrentamento, questionamento sinalizando exigências de uma nova forma de pensar, ser e criar enquanto sociedade distinta a esta que temos.

2 O RETRATO DA RESPONSABILIZAÇÃO E CULPABILIZAÇÃO DA MULHER NEGRA "MÃE-AVÓ": da vida cotidiana que violenta mulheres e os seus à literatura

A condição de vida da mulher negra na periferia é tomada de aspectos hostis e degradantes visto no acentuado racismo, machismo e a precariedade econômica alargada para as áreas educacionais, de moradia e saúde. Isso se expressa tanto no ambiente doméstico quanto fora dele, mostrando que as desigualdades sociais e raciais pertencem ao dia a dia desse sujeito histórico.

Tudo isso parte da forma como a relação de poder vigente está estruturada e de como as instituições sociais estão dispostas e organizadas para efetivar essa realidade, e, não muito distante, seus possíveis enfrentamentos. Nesse sentido, no que se refere à obra literária, um dos caminhos mais oportunos para esse tipo de discussão, é o olhar que examina os discursos hegemônicos no período em torno das condições de sua produção.

Para Ginzburg (2013, p.35-36) discursos hegemônicos incluem produções institucionais da política, da economia, do sistema jurídico, do militarismo, da imprensa, entre outros que são responsáveis pela formação de opinião pública.

No que se refere à violência Ginzburg (2013) complementa que esta é constituída no tempo e no espaço. Suas configurações estéticas estão articuladas com processos históricos. Logo, o trabalho de interpretação de um texto deve levar em conta as relações entre as configurações e os processos.

Nesse sentido, a respeito da narrativa ficcional do século XXI, observa-se que esta se vincula intimamente a certas condições representativas na contemporaneidade,bem como as revoluções que a literatura pode ofertar a um

regime estético marcado de forma produnda à crise bem como o conceito de representação.

Dessa forma, o processo de narrar pode se tornar uma experiência decerto problemática, assim como sinalizar para um realismo além do chamado mimetismo referencial (COSTA, 2019). Logo, a ficção contemporânea exige diversificadas formas de acesso, sejam elas, a autoficção, a narrativa memorialística, a própria crise representativa, dentre outras.

Para Schollhammer (2009), a literatura contemporânea tem início por volta das décadas de 1960 e 1970, quando se demarcam os primeiros indícios de uma prosa urbana arraigada na realidade social, nos quais novos contornos parecem destacar a consciência da virada de século.

No percurso da produção literária brasileira desde os anos 1970, através de Rubem Fonseca, por exemplo, nota-se que os escritores brasileiros constroem histórias nas quais a temática da violência, seja ela simbólica ou social, constitui tópico central ou mesmo pano de fundo em contos ou romances, conforme pontuado por Pelllegrini.

> Há quem afirme que o conjunto da literatura brasileira atualmente exige novos modelos de análise, capazes de estimular novas leituras e interpretações, uma vez que a tendência à exacerbação da violência e da crueldade, com a descrição minuciosa de atrocidades, sevícias e escatologia, vem pontuando cada vez mais tanto narrativas literárias quanto as audiovisuais, do cinema ou da televisão. Como se a dramatização do princípio da violência passasse a ser diretriz principal da organização formal, com seu caráter inarredável e obsceno, subsumindo tempos e espaços, personagens e situações. (PELLEGRINI, 2008, p. 41).

Logo, a partir dos anos 70, observa-se a explosão da produção de obras que acenam para violência com um dos traços que singularizam o espaço social bem como o sujeito no contexto brasileiro. Seja a violência social, que atinge não tão somente a integridade do indivíduo, mas também a estrutura social, ou mesmo a violência simbólica. Ambas sinalizam acerca da necessidade de se pensar em relação a diversas formas de políticas de enfrentamento aos diferentes tipos de violência.

SCHOLHAMMER (2000) também compartilha a ideia de que a violência é uma marca fundadora da cultura brasileira e afirma que o tema da violência é

recorrente na literatura moderna do Brasil, o que não permite compreender a presença intensa dessa temática como uma “extravagância de gosto duvidoso ou aberração” (2000, p. 236).

Nesse sentido, a ficção contemporânea neste artigo estará representada através da poética de um dos contos do livro “Terra nos Cabelos” de autoria de Tônio Caetano, autor nascido em Porto Alegre (RS), servidor público municipal, especialista em Literatura Brasileira pela PUC e vencedor do Prêmio Sesc de Literatura na categoria conto (2020).

A presente obra conta com quinze contos protagonizados por diferentes mulheres que representam diversas personagens inseridas nos mais diversificados universos da sociedade, de forma mais ampla, ou seja em contextos específicos, como o familiar, profissional, sentimental e de que forma estas estarão relacionadas a aspectos referentes aos diferentes tipos de violência, preconceito racial e social, relação de gênero, dentre outros.

Aqui analisar-se-á o conto homônimo do livro, também chamado “Terra nos Cabelos”, protagonizado por uma avó-mãe que lida com os desafios da sobrevivência humana atrelados a criação do neto em meio a uma realidade social excludente e marcada pelas diversas nuances da vida. Dessa forma, será necessário discorrer acerca da relação entre a literatura e a violência, bem como será também importante verificar na obra literária a constituição do foco narrativo, através do estudo da expressividade conferida ao narrador, pois:

> É muito importante a caracterização do narrador quando se trata de um conto ou de um romance. O narrador delimita a perspectiva, por meio dele, ficamos sabendo dos acontecimentos em uma estória. É dele o ângulo pelo qual conhecemos os episódios relatados (GINZBURG, 2013,p. 30 and 31).

De início, fica evidente a participação do narrador do conto, nesse caso, narrador personagem, representado pela própria avó como evidente no seguinte trecho “A lutar com prendedores e o frio do mundo sobre a roupa torcida, ouvi seu nome” (CAETANO, 2020,P.11). A narradora em questão se constitui como um agente de violência, tendo em vista, que através da mesma também se concretizam situações de violência, como:

> Bati até doer nos outros, até revirar estômagos, até abrirem a roda e selarem portas e janelas.Bati e gritei até retumbar bem dentro deles o meu pesar, até a história se tornar única, até fazer entrar pelas palmas claras das minhas mãos o meu menino, o mesmo que vi crescer na barriga, o mesmo que embalei desde sempre e mais depois que a mãe se perdeu (CAETANO, 2020, p.12).

Segundo Ginzburg (2012), ocorre um afastamento dos moldes tradicionais de narrar, atribuindo voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados, com uma narração voltada contra a exclusão social, política e econômica, aqui representada pela avó-mãe que a todo momento no conto estabelece seu lugar de fala, bem como seu protagonismo.

A avó-mãe também caracteriza-se como alguém que também é vítima da violência e que sofre diante de situações traumáticas e que utiliza a própria linguagem para tentar configurar o que acontece com ela: “Juntei forças sobre os joelhos esfolados e pus-me de pé” (CAETANO,p.13).

A personagem mergulha num discurso de indignação e reação diante das agressões sofridas pelo seu ente conforme a seguinte passagem “Com Kito nos braços, o último afluente de meu rio, meu preto sem direito ao céu, mas com terra nos cabelos, desci do calvário em procissão pelas vielas do morro” (CAETANO, p.13). Pode-se observar de que forma isto nos revela a relação concreta das ações de mulheres feitas diariamente quando se reúnem, reivindicam o freio e atos criminosos sofridos pelos seus dependentes e a impunidade que, geralmente, resulta.

Na contemporaneidade, observa-se que há um prevalecimento de um princípio sólido de negatividade. A violência não é então uma mediação para que se afirmem valores positivios, mas, em muitos casos, em específico nesse caso da literatura, é um campo de referências em que os elementos centrais das obras se propõem. Além disso, vale ressaltar também que a presença das figuras de linguagem são fundamentais para o processo de construção do texto.

Em algumas obras contemporâneas que apresentam configurações de violência, a exemplo, do texto aqui trabalhado, observa-se a presença recorrente de duas figuras específicas: a elipse e a hipérbole. A presença dessas figuras dentro

desse texto literário traz a possibilidade de uma concretização sensível em meio a extremos.

As elipses surgem em cenas de violência de forma a sugerir que se invadiu um terreno aquém do verbal, de forma que o que está sendo ali retratado, ou vivido, muitas vezes não pode ser expresso adequadamente em palavras, como no seguinte trecho: Atordoada, já sem frio no corpo, só com o zás -trás dos olhos dos que só são escolhidos quando se precisa de culpados, pulei e, mesmo não sendo mãe primeira, tomei-o nas mãos como que recompondo o cordão umbilical e lhe bati (CAETANO, 2020,p.12).

Quanto ao espaço, observa-se que a cidade é o palco das mais diversas práticas de violência social, sendo cenário das narrativas não só no sentido de apontar as constantes contradições existentes, como também sinalizar que diferentes fatores como marginalidade social, desigualdade, opressão, repressão sexual tornam-se um contexto facilitador para práticas de intolerância e violência "Vinha da rua, de olhos faceiros e língua corrompida a contar que meu neto se metia em problemas com aquela gente portadora da ruindade nativa" (CAETANO, 2020,p.11).

Diante disso, entende-se que a literatura pode se apresentar como uma das importantes ferramentas para a reflexão acerca dessa realidade, na medida que reflete diferentes contextos de sofrimento possibilitando a problematização destes. Na perspectiva de Ginzburg (1999), a violência é um elemento constitutivo da cultura brasileira, uma vez que a história do país, em sua totalidade, pode ser contada através de momentos de repressão e exploração, desde sua colonização, passando por períodos de autoritarismo, até a contemporaneidade, em que práticas de crueldade são abordadas de maneira velada, mas ainda assim existentes.

3 CONCLUSÃO

A literatura contemporânea nos possibilita a reflexão dos eventos sociais concretos. Através da linguagem poética é possível dar vida a personagens e deles desnundar as mazelas sociais vigentes.

No caso de “Terra nos cabelos” do autor Tônio Caetano constatamos a dura realidade de mulheres que assumem o papel de mãe de seus netos e até bisnetos e pensamos: onde estariam seus filhos, pai e mãe daqueles a quem se responsabiliza? Com efeito, podem ter diversos destinos como o encarceramento, a morte violenta, o estado de drogadição, ou mesmo, a busca de melhores condições de vida em outras cidades ou bem próximo, mas num emprego de longas jornadas de trabalho que impossibilita a vivência e convivência.

Sem dúvida, cabe a mulher avó, idosa ou não, o papel de pai e mãe daquela criança ou adolescente numa localidade de poucas expectativas, onde as políticas públicas não alcançam e sim, a criminalidade, ou mesmo, a intervenção policial nos momentos críticos ou grupos violentos que ceifam diariamente vidas entendidas como rivais.

Enfim, a responsabilidade cabe a esse ser social pelo destino daquele que cuida e qualquer que seja, principalmente, aquele pela qual o negro e negra tem por caminho, a criminalidade ou a morte de forma violenta, por exemplo é o efeito dos atos ausentes dos genitores ou cuidadores, consequentemente, da mãe-avó.

Assim, percebe-se também que esses acontecimentos tem repercussão psicológica, a exemplo de problemas como ansiedade, depressão e outros males de natureza emocional que não deixam de se constituir como forma de violência contra mulher cometida pelo Estado tanto pela sua atuação quanto por sua ausência no que tange a politicas sociais mais eficazes.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Tônio. **Terra nos Cabelos.** 1ªed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

COSTA, Iranilde. **A Ficção Contemporânea** (Apostila recebida em Programa de Pós Graduação em Letras, São Luís, 16 de maio. de 2017).

GINZBURG, Jaime. **A violência constitutiva**: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. Letras, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez. 1999

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2012.

PELLEGRINI, Tânia. **As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea**. Crítica marxista, 2005. 2005. Disponível em: <www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-Apelegirni.pdf>. Acesso em: 29 Ago. 2021.

RABELO, Diêgo Fernando Silva; ROCHA, Luana Tereza de Barros Vieira. **A VISÍVEL DOR OCULTADA**: a naturalização e os danos socioemocionais da violência psicológica contra a mulher. Congresso Luso-Afro-Brasileiro, XII CONLAB. Universidade Nova de Lisboa-Portugal. 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHOLHAMMER, Karl Erik. **Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira**. In: PEREIRA, Carlos Alberto M. (org.) Linguagens da violência. Rio de Janeiro:
Rocco, 2000. p.236-259.